



7/12/86

"Joaquinzão": saímos fortalecidos

O movimento sindical já prevê fortalecimento

B. VIDAL LANES

Não é segredo que o governo conseguiu estriar os ânimos do movimento sindical com a decretação do Plano Cruzado, em 28 de fevereiro de 86, poucos dias antes da data-base de dissídios coletivos de uma série de importantes categorias, lideradas pelos metalúrgicos do ABC. Agora, com a volta ao tema do pacto social, o governo chama os trabalhadores ao entendimento, mas eles querem uma definição rápida sobre os rumos do pacto, pois novamente se aproximam as datas dos dissídios daquelas categorias, entre março e abril.

Vicente Paulo da Silva, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), acha a Nova República "muito inteligente", e admite que o governo conseguiu "atrapalhar" as mobilizações trabalhistas em 1986. Falando à reporter Marli Olmos, da Sucursal do ABC, Vicente previu um melhor desempenho para a área sindical em 1987, "principalmente se o governo continuar com a atual política econômica, de arrocho salarial".

Joaquim dos Santos Andrade, o "Joaquinzão", presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), concorda com o representante da CUT, mas ressalva: "O movimento sindical sai fortalecido de 1986, em função do sucesso da greve geral do dia 12 de dezembro". Em sua opinião, contudo, a CGT saiu da greve como a "verdadeira" representante dos trabalhadores. Para 1987 Joaquinzão

prevê uma grande luta "pela justiça social e pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores, especialmente os mais sacrificados".

O presidente da União Sindical Independente (USI), Antônio Pereira Magaldi, por sua vez, acha que haverá "consenso" entre trabalhadores, governo e empresários em torno do pacto. O ano que se encerra, de acordo com ele, foi difícil para os assalariados ou "obreiros" como Magaldi prefere chamar, uma vez que "foram obrigados a pagar o ágio da maioria dos produtos e engolir a falta de fiscalização dos bens de consumo, apesar das muitas promessas oficiais". Segundo ele, a população acreditou no Cruzado I, mas ficou descrente a partir do Cruzado II.

A CUT também aposta na maior conscientização do trabalhador no próximo ano. Como os demais membros da CUT, Vicente Paulo da Silva, que é também diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, está pessimista em relação ao ano da Constituinte. De qualquer forma, lembra que "nem por isso o meio sindical deve omitir-se. Faremos da Constituinte um imenso carrossel de discussão popular". Como a CGT, a CUT se considera vitoriosa com a greve do dia 12. Prova disso, segundo Vicente, é a tentativa do governo de fazer o pacto social. "O ministro Pazzianotto pode esconder" — ressalta o sindicalista — "mas a verdade é que setores do governo temem uma ebulição social".